

# Aula 2

## UM OLHAR SOBRE O GÊNERO NARRATIVO

### **META**

Aperfeiçoar o uso dos mecanismos de análise do texto mediante os referenciais teóricos apreendidos na disciplina Crítica Literária

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
aperfeiçoar a leitura sobre os mecanismos que configuram o texto narrativo nos moldes conto, novela, romance e crônica;  
Exercitar a capacidade de observação crítica segundo a leitura orientada sobre textos pertencentes ao gênero narrativo.

**Jeová Silva Santana**

## INTRODUÇÃO

Observou-se na aula anterior a necessidade de se lançar um olhar mais abrangente sobre o que se convencionou chamar de gênero lírico, mostrando-se que sua presença não se faz apenas no corpo do poema. Essa mesma predisposição será requerida em relação a alguns aspectos do gênero narrativo. A essa altura, depois de um longo caminho no sentido de aperfeiçoar a condição de leitor e o consequente desempenho acadêmico, cremos que todos os alunos sintam-se estimulados a colocar a mão na massa, ou seja, utilizar os referenciais teóricos vistos em outras unidades para uma aproximação objetiva, segura e produtiva em relação ao objeto literário.

De antemão, lembremo-nos que a palavra “épico” representava o que hoje chamamos de narrativo. Todos estão lembrados que tal palavra foi aplicada na caracterização de grandes narrativas heróicas em versos, tais como as criadas por Homero, a *Odisséia* e *Ilíada*, na Grécia Antiga; ou, mais perto de nós, o famoso, mas pouco lido, *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. O “pouco lido” deve-se justamente às dificuldades em se vencer os obstáculos de linguagem, já que se trata de um texto construído na língua portuguesa do século XVI.

No entanto, mesmo que a modernidade não tenha disposição para a absorver textos longos, o gosto pelo contar, pelo narrar ainda permanece. Basta que observemos como obras que remetem a grandes aventuras têm espaço permanente em certo tipo de produção cinematográfica. Nesse sentido, observe-se a quantidade de filmes com essa tendência, que são produzidos nos Estados Unidos.

Embora **Walter Benjamin** tenha mostrado preocupação com a possibilidade do desaparecimento do ato narrativo devido à perda do exercício da experiência, fator primordial para passar adiante o que nos marcou tanto na mente quanto no corpo, é visível que, pelo menos no âmbito da literatura, ainda se encontra uma forma de resistência contra a perspectiva sombria apontada pelo autor de *Passagens*.

Assim, no caso específico da literatura brasileira temos um acervo de narradores que deram um contributo para o enriquecimento cultural do país. São relatos que resistem ao tempo e continuam seduzindo leitores, mesmo que o hábito de leitura encontre, em nosso caso, inúmeros obstáculos. Nesse caso, fazer parte das fileiras das letras não deixa de ser uma condição privilegiada. É nesse espaço que, malgrado muitos obstáculos, adquiri-se um instrumental que nos transforma não só um “leitor do coração”, movido pelo emocional quando tocados pela magia do texto, mas também em um “leitor técnico”, aquele capaz de entender os mecanismos internos do texto e de situá-lo como um objeto cultural no tempo e espaço. A soma dessas duas manifestações só têm uma resultante: o encontro permanente com o prazer do texto.

Ver glossário no final da Aula

Devemos lembrar que hoje partilharmos formas de crítica literária que estão amparada nas muitas experiências feitas no passado, como forma de mediação entre a obra e o leitor. Vocês tiveram contato com algumas das experiências feitas ao longo do século XX até chegar a um relativo consenso: a crítica é “um reflexão autônoma sobre as obras” (Roger, 2002, p. 13). Só para lembrar: esse percurso tem em Aristóteles os primeiros critérios para se conceituar e adentrar na obra literária, que submeteu “pela primeira vez (...) as obras de ficção ao exame do espírito, na Poética, texto de caráter didático escrito quando ele ensinava em Atenas, entre 334 e 323 a.C.” (Roger, 2002, 11). Nesse sentido, a história da crítica literária, desde essa primeira iniciativa para compreender o fenômeno literário, até a aplicação de conceitos pertinentes a ciências modernas como a psicologia, teve sempre como desafio o estudo de textos resultantes de ações individuais que visam o estético como forma de melhor circular entre os múltiplos discursos no mundo.

Dessa perspectiva, cabe uma retomada dos conceitos sobre algumas das correntes vistas na unidade Crítica Literária. O intuito, contudo, é tentar ajustá-las ao objeto sobre o qual nos debruçamos e não o contrário, ou seja, adaptar o objeto de qualquer modo ao referencial crítico escolhido. Em outras palavras: a aplicação de um ou mais de um referencial teórico dependerá do que pretendemos em relação ao texto escolhido. Por exemplo: até que ponto será relevante para a minha análise saber sobre a agitada biografia de Camões, entremeadas de brigas, prisões, naufrágios, dívidas, miséria, enquanto elaborava o épico *Os Lusíadas*. Ou ainda: o quanto dos problemas físicos de Machado de Assis (gagueira, epilepsia), podem estar na base dos seus personagens marcados por ciúme, fracasso, loucura? Devo privilegiar apenas as marcas estilísticas presentes na obra de um autor como Graciliano Ramos, sem atentar para as condições de produção em que suas obras foram produzidas, quais sejam, em uma região do país marcada por precariedade econômica e instabilidade política? Ou ainda, deixar fora de qualquer perspectiva analítica a visão do homem Graciliano sobre essas condições, além de sua atuação, em diferentes momentos, em instâncias sociais do Estado em que nasceu ou mesmo fora dele?

Assim, é o desafio do aperfeiçoamento, com a manutenção permanente do contato direto com a obra que deve ser posto como prioridade, tal como observa Glikson (1988, p. 59):

Quando não se dedica à história, à teoria, e nem à análise rigorosamente técnica das obras, resta ao crítico um domínio sem regras precisas nem formas impostas: o da apreciação, nos dois sentidos do termo – a arte de gostar, mas também a arte de julgar. Filão singularmente fecundo, ao menos em quantidade: aberto a todos, amadores e profissionais, estetas e ideólogos, panfletários e humildes testemunhas, não tem história própria, pronto para reagir a cada momento, a discorrer sobre a nova obra. Território de eleição

de todos os dogmatismos, mas também de muitas sensibilidades originais, ele ao menos oferece – pois quer agir sobre seu tempo e não se dirige à posteridade – o testemunho (ou a lição) das ideias passadas e dos gostos ultrapassados



Leia os textos abaixo e observe os aspectos que o inserem na forma conto dentro do gênero narrativo. Identifique os traços estilísticos do autor que contribuem para acentuar a condensação exigida na construção de um bom conto.

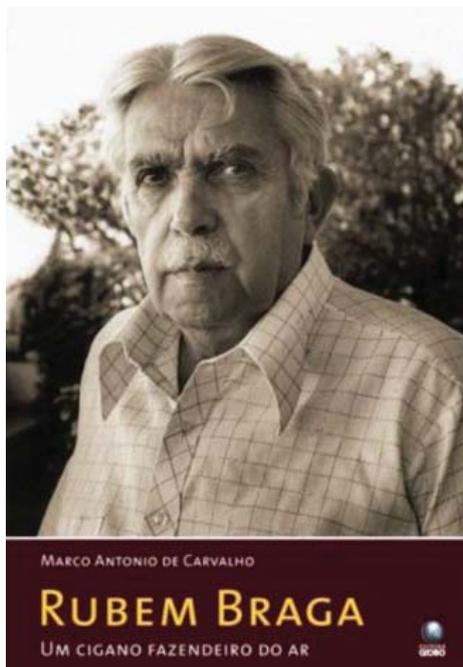
Quais dos quatro conceitos pertencentes à crítica formalista saltam aos olhos no texto de Dalton Trevisan.

Aponte elementos na crônica de Rubem Braga que a enquadram em um texto com características limítrofes com a narrativa ficcional.

### A NOIVA

- Tenho uma amiga que se matou porque o noivo lhe fez mal. Ela sabia que à noite as flores no ambiente fechado envenenam o ar. Daí encheu o quarto com todas as flores do jardim. Trancou-se por dentro. Acendeu duas velas, uma em cada lado da cabeceira. E deitou-se na cama, de sapato branco e vestida de noiva. Com o retrato dele na mão. De manhã, ao abrirem a porta, era mortinha.
- É bonito, Maria. Mas não pode ser. Ninguém morre de gás carbônico das plantas .
- Engano teu, João. Perdida de paixão, minha amiga assim acreditava. E quer mais prova? Ela morreu, não morreu?
- Ainda acho que...
- E morta ficou para sempre.
- ... foi por outra causa.
- Agora, João ingrato, me dá um beijo.
- Não um só. Dois e três.
- Se como eu te amo você me amasse...
- ?
- ... Não duvidava que uma flor mata...
- !
- ... igual ao veneno em teu copo de vinho.

(TREVISAN, 2003, pp. 55-6)



### O PADEIRO

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o ao costureiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido. De resto não é bem uma greve, é um lock-out, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

– Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém... Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia um trabalho noturno. Era pela

madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, e o padeiro!”

E assobiava pelas escadas.

Rio, maio, 1956 (BRAGA, 1980, p. 56)

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembrem-nos que o conto e a crônica são duas formas pertencentes ao gênero narrativo. São muito praticadas em nossos dias e têm representantes que as levaram à condição de referência criativa, como demonstram Dalton Trevisan, no primeiro e Rubem Braga, no segundo. Este merece ser lembrado como um caso à parte, pois é o único brasileiro que entrou para o chamado cânone da literatura brasileira somente na condição de cronista. No primeiro texto temos a brevidade, o drama, a tensão como elementos norteadores da narrativa. Mas a forma como autor a conduz não deixa de ser instigante: frases curtas, suspensão de diálogos, ambiguidade nas frases. Nesse sentido afina-se com a crítica formalista que vê no proceder da arrumação dos elementos estéticos e no impacto do que está sendo narrado, traços fundamentais na obra literária. O texto de Rubem, embora escrito há muito tempo, vence a efemeridade que caracteriza a crônica por pertencer, de preferência, ao espaço do jornal. Aproveitando-se de um fato do cotidiano, o autor o transforma em uma lição de vida que atravessa o tempo. Isso é conduzido por uma prosa enxuta, subjetiva e poética.

## CONCLUSÃO

Vimos, de forma sucinta, como o chamado gênero narrativo teve outra nomeação no passado, quando era um instrumento para se relatar grandes feitos mediante o uso do verso. No presente, é sob a denominação de gênero narrativo que se mantém o gosto de contar e ouvir histórias, embora essa manifestação, na visão do filósofo Walter Benjamin, possa estar ameaçada à incapacidade de o homem moderno intercambiar experiências. Nesse sentido, a luta feroz pela sobrevivência seria uma ameaça à arte narrativa. Contrariando essa perspectiva, porém, colhem-se sinais de manutenção do imaginário perante as dificuldades do mundo, como demonstram as criações oriundas das formas conto, novela, romance e crônica. Observar como esses objetos inserem-se tanto na tradição, quanto são capazes de renová-la, é tarefa da crítica literária. Esta, diante do objeto literário, escolherá o referencial teórico adequado para empreender uma análise que sirva de mediação, que ilumine o trajeto entre a obra e o leitor. Assim, são necessários certos cuidados para que se faça o ajuste entre a leitura crítica e o texto, atentando-se, nesse caso, para certos vícios como forçar a presença de resquícios biográficos no âmbito do texto.



### RESUMO

O gênero épico passou por transformações e, no presente, não tem o verso como principal instrumento para expor experiências centradas nas aventuras de um herói. Com o passar dos tempos, a predisposição humana para se contar histórias migrou para outras formas expressivas. Assim, o gênero épico deu lugar ao gênero narrativo, o qual abriga outros modos comunicativos sobre a relação do homem com seu tempo e espaço, embora as demandas da vida moderna tendam a colocar o silêncio no meio das relações, afetando, desse modo, a efetivação da experiência, elemento fundamental para a existência do narrador. Nesse caso, cabem ao conto, à novela, ao romance e à crônica a função de transmitir relatos sem que eles tenham a necessidade de serem marcados pelo caráter grandioso do passado. A crítica literária, nesse caso, deve se amparar em dos referenciais teóricos adequados para fazer a mediação entre obra e leitor.



### PRÓXIMA AULA

Trataremos da relação entre a crítica literária e o gênero dramático.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, Rubem. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2004.
- GLIKSON, J.-M. “Julgar”. In: **Crítica literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- ROGER, Jérôme. **A crítica literária**. São Paulo: DIFEL, 2002.
- TREVISAN, Dalton. **Capitu sou eu**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

## GLÓSSARIO

Walter Benedix Schönflies Benjamin (Berlim, 15 de julho de 1892 — Portbou, 27 de setembro de 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Georg Lukács e Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gerschom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para alemão importantes obras como Quadros Parisienses de Charles Baudelaire e Em Busca do Tempo Perdido de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, contam-se A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica (1936), Teses Sobre o Conceito de História (1940) e a monumental e inacabada Paris, Capital do século XIX, enquanto A Tarefa do Tradutor constitui referência incontornável dos estudos literários.